

A interação na internet: O gênero discursivo na rede mundial de computadores e suas implicações na relação entre indivíduo e aprendizagem¹

Dr. Valdemar Siqueira Filho²

Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP

Maíra Bortoleto³

Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Resumo

A internet, no que diz respeito às possibilidades de recepção advindas da popularização de sistemas de bate-papo, tem contribuído para realização de novas formas de interação e assumido uma linguagem própria, caracterizada principalmente pela aproximação ao texto oral, abreviação e associação da escrita a demonstrações de emoção. Esses são elementos que apontam à criação de novas estruturas perceptivas de seus usuários. A linguagem peculiar, como um gênero do discurso que se tornou, é responsável por possibilitar um tipo específico de comunicação que delimita os sujeitos com àqueles que compartilham desse mesmo código de linguagem. Nosso objetivo é desenvolver uma reflexão sobre a necessidade de adequação dos processos de ensino às novas formas de percepção utilizadas nas novas tecnologias.

Palavras-chave: Processos Mediáticos e Culturais; Semiótica ;Educação

Introdução

A internet, em seu desenvolvimento e inclusão na cotidianidade, tem contribuído para a formação de um novo estilo de linguagem, em decorrência dos sistemas interacionais que ela propicia com o uso dos media em sistema de bate-papos. Nesse sentido a Web é uma rede de informações que ultrapassa o fornecimento de conteúdos, reforçando ao mesmo tempo a constituição de relações simbólicas e culturais.

¹ Trabalho Apresentado a Sessão de Temas Livres

² Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP, Professor na Faculdade de Comunicação da Universidade Metodista de Piracicaba, membro do Grupo de Pesquisa cadastrado na CNPq.: Processos Mediáticos e Culturais. dhemah@uol.com.br

³ Mestranda em Educação, pela Universidade Estadual de Campinas. Integrante do Grupo de Pesquisa cadastrado na CNPq: Processos Mediáticos e Culturais. mairabortoleto@ig.com.br

Partindo deste pressuposto nosso artigo trabalhará com a concepção de gênero discurso de Mikahil Bakhtin⁴ para elucidar a forma de linguagem peculiar a este tipo de meio, abordando aspectos da relação entre a linguagem verbal e não verbal articulada à interação desta mídia e aos seus enunciados como elementos de produção da cultura.

Os jovens usuários da rede acima de 13 anos, assim como os adultos, estabelecem pela internet relações com colegas reais e/ou amigos virtuais e a adequação da linguagem que utilizam neste novo *ethos*, pressupõe a escolha da internet em sua grande maioria localizados nas salas de bate-papo para comunicação cotidiana. Esta experiência tem aberto debates em torno das influências que o texto escrito vem sofrendo, assim como as conseqüências no processo de aprendizagem nesses internautas que fazem uso do sistema por estarem experimentando novas relações entre o campo oral e escrito no gênero discursivo.

O Gênero em Bakhtin

Para entendermos a linguagem peculiar utilizada pelos sistemas de bate-papo na internet é preciso compreender a questão do gênero do discurso em Bakhtin. Para este autor, existem inumeráveis formas de gênero de discurso, já que este está relacionado a cada segmento da atividade humana na sua relação de aplicabilidade e apropriação por parte do indivíduo.

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam, dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidade de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais -, mas também, sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente, é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominados gêneros de discurso.⁵

⁴ BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 279

⁵ BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 279.

Para Bakhtin, os gêneros possuem características próprias que delimitam o enunciado. Sabe-se quem fala e/ou para quem fala, a partir do gênero discursivo que ele emprega. “Para falar utilizamo-nos sempre dos gêneros do discurso, em outras palavras, todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo. Possuímos um rico repertório dos gêneros do discurso orais (e escritos)”⁶. Nesse sentido, o enunciado estabelece uma relação complexa entre o campo formal e não formal, entre a experiência e a consciência, como também entre os distintos gêneros do discurso.

A forma do gênero é factual e instável, oposta a forma da língua, mas não sobrevive sem esta, sua peculiaridade aplica-se sempre a algum tipo de atividade humana e se faz útil no que concerne à comunicação e organização não linear de significados a uma dada cultura.

Neste trabalho o gênero do discurso se faz importante ao pensarmos que a internet adquiriu, em especial no que diz respeito aos sistemas de bate-papo, uma linguagem própria adaptada às necessidades e características deste tipo de comunicação e que a experiência centralizadora da educação formal em sua pretensa supremacia hierárquica sobre a língua, apresenta-se como opositora por carecer de métodos para abordagem da multiplicidade de uso da língua.

Internet, interação e linguagem

A internet é um banco mundial de dados, interligados em rede. Qualquer pessoa, a princípio⁷, tem acesso e pode disponibilizar suas informações. Devido ao grande volume de textos que circulam, à possibilidade de interatividade e à rapidez de troca dessas informações, a internet é marcada, ou por um sentido de deslumbramento sobre suas potencialidades ou apenas sustentada em um pessimismo equivocado que a reduz a características efêmeras, como: a perda de noção de espaço (virtualidade/ desterritorialidade) e tempo (tempo real)⁸ entre outras.

⁶ BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 301.

⁷ Diz-se a princípio porque limita-se àqueles que tem acesso a tecnologia necessária, como o computador e sistema de telefonia, rádio, etc..

⁸ Para maiores informações sobre essas características ver: PALACIOS, Marcos. “Cotidiano e sociabilidade no ciberespaço: apontamento pra discussão”. FAUSTO NETO, Antonio e PINTO, Milton José (org). **O indivíduo e as mídias**.; BAUME, Renaud de La; e BERTOLUS, Jean-Jérôme. **Os Novos Senhores do Mundo: A louca história dos Multimídia**. Lisboa: teorema, 1995.; HARVEY, David. **Condição Pós-moderna**. 5º ed. São Paulo: Edições Loyola,

Tomando o princípio da luta contínua entre os gêneros do discurso, nosso olhar apóia-se em uma concepção relacional entre otimismo sublime e o pessimismo passadista⁹. Sublime, porque indica a ingenuidade de re-significar o ideário de paraíso do Éden resgatando-o no presente pelas novas tecnologias e passadista por não reconhecer a necessária atualização dos suportes que a própria cultura produz como asseguradora do *continuum* de sua existência. Defendemos que em cada momento histórico ocorrem embates entre estruturas tecnológicas, produção de novos enunciados e atualização da cultura e que, uma abordagem dicotômica sustentada na polarização radical entre os extremos da norma culta e frente outras modalidades de uso da língua não nos permite empreender lucidamente qualquer tipo de pensamento, pois se a Web tornar a sociedade mais complexa, a busca de novos sistemas é matéria essencial para atualização de uma cultura.

“Novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da informática. (...) Escrita, leitura, visão, audição, criação, aprendizagem são capturados por uma informática cada vez mais avançada”¹⁰. No caso especial dos sistemas de bate papo, ainda que alguma tecnologia (como a webcam) possibilite a veiculação de imagens, estes ainda são marcados por linguagem escrita. Como indica Palácios, “o forte na Internet (...) é ainda a troca de textos”¹¹.

A linguagem virtual do estilo web de escrever é caracteriza principalmente por uma mistura códigos orais, escritos, icônicos, como aponta Schneider :

De fato, existe uma nova linguagem constituída por milhares de novos termos, símbolos e códigos, que pressupõe um novo estilo de escrita: os “smileys” (Grafismos utilizados em correio eletrônico, como forma de acentuação da informalidade do meio e compensação pela inexistência de contacto físico. São construídos com seqüências de teclas, representam sentimentos e emoções. Os mais populares são: : -) satisfeito, : (insatisfeito, e os acrónimos são exemplo. Os acrónimos são conjuntos de siglas, pronunciados como se fossem palavras, utilizadas para substituir expressões usadas entre pessoas. A razão da sua popularidade e desenvolvimento deve-se ao fato de serem muito práticos e de tornarem a comunicação escrita mais rápida. Qualquer utilizador que queira ser bem

1992.; LEVY, Pierry. **As tecnologias da Inteligência**. Rio de janeiro: Editora 34, 1994.; SCHAFF, Adam. **A sociedade Informática**. 2º ed. SãoPaulo: Brasiliense, 1991.; entre outros.

⁹ MENEZES, Philadelpho. **A crise do passado**. São Paulo: Experimento, 1994.

¹⁰ LEVY, Pierry. **As tecnologias da Inteligência**. Rio de janeiro: Editora 34, 1994. (obra 203). P. 7.

¹¹ PALACIOS, Marcos. “Cotidiano e sociabilidade no ciberespaço: apontamento pra discussão”. FAUSTO NETO, Antonio e PINTO, Milton José (org). **O indivíduo e as mídias**. P 90.

sucedido e integrado na comunidade dos cibernautas tem de aprender e usar esta nova terminologia, em constante expansão.¹²

Ou seja, a internet funciona como “criadora” de um novo gênero de discurso, de um novo tipo de linguagem. Marcada principalmente por três fatores, a oralidade, as abreviações e a tentativa de adaptação desta à transmissão de emoções (ex. *smileys*, *emotions*). A questão da transmissão de emoções, característica do diálogo na internet, relaciona-se ao que Bakhtin marca como entonação, ou seja, o sentido atribuído à palavra na relação que o locutor estabelece com o interlocutor¹³. Os *emotions*, nesse sentido, viriam retomar performances nas entonações, pertinentes aos diálogos de que trata Bakhtin, em especial nas relações efetivas de oralidade. “(...) o julgamento de valor inerente a toda palavra viva revelado, pela acentuação e pela entoação expressiva da enunciação. O sentido do discurso não existe fora de sua acentuação e entoações vivas”¹⁴. Os *smileys* e *emotions*, então, ampliam, assim como a entonação, o sentido particular de uma determinada palavra ou expressão no todo do enunciado, só estabelecido através do diálogo.

É nessa preocupação com o sentido no enunciado do texto virtual que se estabelece a ponte com a questão da dialogia bakhtiniana. A preocupação em se fazer entender da maneira mais apropriada possível faz com que o “locutor” lance mão de todos os recursos disponíveis neste meio (a internet e o computador) para atingir seu objetivo, que é a comunicação/diálogo. Isso remete a tudo que a internet já formulou em questão de discurso, e disponibilização das abreviações e dos *emotions*, e também a preocupação constante do locutor com o que e como o interlocutor irá receber essa mensagem. Essa relação dialógica adapta os textos na internet à oralidade fornecendo-lhes características particulares, com signos próprios (que podem e devem ser compartilhados). “(...) toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte”¹⁵.

¹² SCHNEIDER, Magalis Bésse Dorneles. **As Repercussões da escrita eletrônica no desenvolvimento da escrita manual na sala de aula e as conseqüências no código verbal**. Disponível em www.educacaoonline.pro.br. Acesso em 15 de maio de 2005 às 23h.

¹³ Um exemplo de entonação está na ironia. “(...) ironizar é dizer algo pelo enunciado e, portanto, remeter à enunciação, mas é também, e sobretudo, voltar-se contra a própria enunciação acrescentando-lhe uma idéia oposta e, ainda, mais, no mesmo instante em que ela é enunciada”. CASTRO, Maria Lília Dias de. “A dialogia e os efeitos de sentido irônico. BRAIT, Beth (org). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1997. pg 130.

¹⁴ BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6º ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1992. p. 191.

¹⁵ BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6º ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1992. p. 113.

Santaella e Nöth também argumentam sobre essa posição de Bakhtin ao dizer que o “discurso que se constrói desta maneira não é mais discurso de um sujeito autônomo porque no enunciado, fala a voz do outro em pelo menos dois sentidos, no sentido da voz de todos os interlocutores do passado, cuja influência o discurso reflete, e no sentido da voz do interlocutor presente, cuja influência se manifesta em argumentos, pontos de vista e réplicas antecipadas”.¹⁶ Assim também a linguagem na internet está impregnada pelos discursos alheios, como a linguagem oral por exemplo, e sua estreita relação para com quem se fala, no que concerne ao compartilhamento de código.

Na internet e seu mundo interativo dos bate-papos etc., a expressão de McLuhan o meio é a mensagem¹⁷ poderia ser aqui extrapolada e avançada no sentido de que o meio é a mensagem na medida em que se faz presente na cotidianidade na sua relação funcional entre indivíduos com vontades próprias. É nas palavras de Baume e Bertolus que essa colocação ganha força: “Quanto à interatividade, princípio básico do multimedia digital, não tem outros limites a não ser o interesse do utilizador”¹⁸.

Este novo tipo de linguagem possibilita a interação entre internautas, que estabelecem suas relações, conversas e “trocam emoções” através dos megabytes e caracteres especiais transmitidos quase que em tempo real. Isso não é algo pré-dado, mas que construiu-se através de necessidades reais do homem, como informa Schaff, “O computador é um produto do o homem, portanto é parte da sua cultura”¹⁹. Ou seja uma linguagem que tem um sentido, uma função e uma consequência para as interações entre os homens.

Na internet, os usuários compartilham de maneira consensual desse novo gênero (e de seu sistema significativo, seus signos), o que possibilita o diálogo. Como especifica Bakhtin, “todo signo, como sabemos, resulta de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação. Razão pela qual as formas são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos como pelas condições em que a interação acontece”²⁰.

¹⁶ SANTAELLA, Lucia e NÖTH, Winfried. **Comunicação E Semiótica**. São Paulo: Hacker Editores, São Paulo, 2004. p. 184.

¹⁷ Idéia de McLuhan apontada por SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura**. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 30.

¹⁸ BAUME, Renaud de La; e BERTOLUS, Jean-Jérôme. **A louca história dos Multimédia** P. 148.

¹⁹ SCHAFF, Adam. **A sociedade Informática**. 2º ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 73.

²⁰ BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6º ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1992. p 44.

Este tipo linguagem específica da internet adquire essas características, devido às condições materiais de transmissão e às necessidades partilhadas entre os usuários. Como indica Bakhtin, nas palavras retomadas por Todorov: “Aquilo que é transmitido é inseparável das formas, dos modos e das condições concretas de transmissão”²¹. Assim pode-se concluir que a linguagem na internet, em especial nas salas de bate-papo se caracteriza desta maneira devido a duas funções: a) o grande número de pessoas com que o internauta se relaciona ao mesmo tempo em um mesmo bate-papo, o que requer uma rapidez maior nas conversações (quando lança, então, mão das abreviações); b) como o bate-papo é escrito, mas a relação se estabelece como uma conversa, permitindo/condicionando uma resposta imediata – adquire, assim, as características da oralidade e pede formato de conversa real e oral, impregnadas de entonações e emoções²².

O texto no embate entre a escola e a internet

A problemática que se estabelece é que as distintas formas do gênero do discurso utilizadas pelo usuário da rede dialogam com a padronização gramatical do ensino da língua no sistema escolar, sendo que o mesmo, não tende a considerar que na performance do discurso não ocorre a anulação de um gênero em relação a outro, mas são sim sustentados em estratégias de sobreposição e acomodação provisória. Eis aqui mais um elemento para se somar aos fatores da permanente crise da educação.

A linguagem da internet pressupõe, a princípio, a transposição da oralidade para escrita. Ou seja, esse tipo de linguagem existia enquanto fala, e a internet apropriando-se dela a transpôs para sua rede interativa. A língua, em Bakhtin, constitui um processo de evolução ininterrupto, que se realiza através da interação social dos locutores. “Não há nada na composição do sentido que possa colocar-se acima da evolução, que seja independente do alargamento dialético do horizonte social. A sociedade e, transformação alarga-se para integrar o ser em transformação. Nada pode permanecer estável nesse processo”²³. Se

²¹ SANTAELLA, Lucia e NÖTH, Winfried. Comunicação E Semiótica..... p. 180.

²² Outra característica é que este tipo de código formulado nas conversas limita, em partes, o número de pessoas que podem participar da conversa, já que pressupõe o compartilhamento de um código próprio. É preciso, no entanto, não ser radical, e afirmar que mesmo aqueles que utilizam da linguagem formal para conversar na internet tem sua demanda atendida. Mas se não os excluem ao menos dificultam sua interação, devido a pouca agilidade e oralidade que estabelecem com o sujeito com o qual mantém diálogo (as repostas em geral demoram e aumenta a possibilidade de equívoco da decifração do código, já que se elimina, em partes, a entonação nas palavras, conseguidas com a utilização de *emotions* e acrónimos).

²³ BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6º ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1992. p.136.

pensada dessa maneira, uma linguagem não excluiu, nem prejudica a outra, na medida em que, sempre estiveram presentes e em diálogo/complementariedade. Ainda mais se refletimos que na relação dialógica, apontada por Bakhtin, a própria escrita formal, faz parte de discursos anteriores que sustentam a linguagem oral característica na web²⁴.

A linguagem da internet, portanto, não conjectura a exclusão do padrão formal, como aparece muito no discurso escolar, mas acrescenta novas formas de utilização de linguagem adequadas a um sistema autônomo de pesquisa e descoberta “(...) cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica. A cada grupo de formas pertencentes ao mesmo gênero, isto é, a cada forma de discurso social, corresponde um grupo de temas”²⁵. Ou seja, supõe um novo gênero de discurso.

E aí todo o embate que se coloca entre as questões do não-dito²⁶ na relação de contraposição entre escola x internet, ou seja, linguagem formal e linguagem vinculada à interação na internet. Essa negociação, entre norma culta e linguagem oral da internet, vive em um embate que abarca também as estratégias na busca do conhecimento, no qual a escola trabalha em desvantagem ao excluir os processos de pesquisa autônoma que o internauta/aluno estabelece para lidar com estes dois meios, um ligado a cotidianidade (internet) e portanto, mais presente em suas atividades diárias, e a formal (escolar), representada, muitas vezes pela norma supostamente culta dos conteúdos rigidamente hierarquizados na vida escolar .

A escola tende a recusar as formas de linguagem que vão para além do formal, enfim, tendem a menosprezar outros gêneros de discurso, que vista de uma maneira superficial, entrariam em contraposição à norma “cultura”. O que se parece ignorar é que essas formas se inter-relacionam, em especial nos modos de apropriação das mesmas pelo aluno/internauta. A revisão dos parâmetros escolares para entender a distinta percepção exigida nas novas tecnologias e sua utilização na produção do conhecimento são questões cruciais para a integração da escola na cotidianidade, já que elas, a muito tornaram-se parte do dia-a-dia das pessoas. A questão se coloca na apropriação da escola desse novo sistema de produção de conhecimento para tirar dela as vantagens necessárias para que o aluno

²⁴ Em Bakhtin, “não existe nenhum significado, nenhum pensamento que não seja dialógico”. SANTAELLA, Lucia e NÖTH, Winfried. **Comunicação E Semiótica** p 187.

²⁵ BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1992. p. 43.

²⁶ SANTAELLA, Lucia e NÖTH, Winfried. **Comunicação E Semiótica**. São Paulo: Hacker Editores, 2004. p. 181.

possa transitar por esses “dois mundos” estabelecendo as relações necessárias para o entendimento de que participam de dois gêneros discursivos diferentes, e que portanto, merecem tratamento diverso.

Considerações

A linguagem da internet, como um gênero de discurso, possui características próprias que possibilitam tanto a interação, como podem dificultá-la. Na medida em que, a “linguagem está na base de toda interação”²⁷; e a internet possui a sua própria linguagem, então estabelece apenas mais uma forma peculiar de interação.

Essa interação é condicionada pelos códigos próprios constitutivos deste gênero de discurso, em que o sujeito compartilha com um outro uma base de códigos definidos e de comum acordo e assim considera o outro semelhante a ele e digno de troca, de interação. É isto que faz da internet lugar de interações e integrações sociais: a função de possibilitadora de diálogo²⁸ e de mais uma possibilidade de interação entre os mais diferentes tipos de pessoas. Mas para participar deste “maravilhoso mundo mágico” das relações virtuais, é preciso compartilhar de um código muito bem delimitado de linguagem caracterizado por uma mistura de códigos orais, escritos, icônicos. É assim que ela se constitui enquanto um novo gênero de discurso.

É na questão do embate com a escrita formal e o discurso escolar que este estudo torna-se pertinente, na medida em que a escola tende a excluir essa nova linguagem, e mesmo relega-la como sub produto cultural. Afastando-se ainda mais das relações cotidianas (onde a cultura se desenvolve), que atualmente, se vêem permeadas por estas tecnologias, mas ao mesmo tempo, que oferecem a seus usuários a autonomia para a criação de formas de comunicação e de pesquisa seja em pesquisa para qualquer tema de interesse para o internauta. Repensar a autonomia e autoria do estudo da linguagem na escola e o seu trabalho sobre os estudantes que não podem ser mais tratados apenas como alunos no sentido etimológico que significa do latim: sem luz, são questões que apontam para a necessária re-elaboração do ensino formal em toda a sociedade.

²⁷ PESSIS-PASTERNAK. Guitta. **Do caos à inteligência artificial**. 2º ed. São Paulo: Editora Unesp, s.d. p. 204.

²⁸ relação de enunciado e atitude responsiva em constante funcionamento, como apontado por Bakhtin. BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

Referência Bibliográfica

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem** 6º ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1992.

BAUME, Renaud de La; e BERTOLUS, Jean-Jérôme. **Os Novos Senhores do Mundo: A louca história dos Multimédia**. Lisboa: teorema, 1995.

CASTRO, Maria Lília Dias de. “A dialogia e os efeitos de sentido irônico. In: BRAIT, Beth (org). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1997.

PALACIOS, Marcos. “Cotidiano e sociabilidade no ciberespaço: apontamento pra discussão”. In: FAUSTO NETO, Antonio e PINTO, Milton José (org). **O indivíduo e as mídias**. Rio de Janeiro: Diadorin, 1996.

HARVEY, David. **Condição Pós-moderna**. 5º ed. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

LEVY, Pierry. **As tecnologias da Inteligência**. Rio de janeiro: Editora 34, 1994.

PESSIS-PASTERNAK. Guitta. **Do caos à inteligência artificial**. 2º ed. São Paulo: Editora Unesp, s.d

MENEZES, Philadelpho. **A crise do passado**. São Paulo: Experimento, 1994.

SANTAELLA, Lucia e NÖTH, Winfried. **Comunicação e Semiótica**. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

SCHAFF, Adam. **A sociedade Informática**. 2º ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

SCHNEIDER, Magalis Bésseer Dorneles. “As Repercussões da escrita eletrônica no desenvolvimento da Escrita manual na sala de aula e as conseqüências no código verbal”. Disponível em www.educacaoonline.pro.br. Acesso em 15 de maio de 2005 às 23h.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura**. Petrópolis: Vozes, 1996.